



MUNDO E ESPAÇO

Werther Holzer¹

Este ensaio tem como ponto de partida o problema da delimitação do objeto da geografia enquanto ciência parcelar e de questionamentos de diversas ordens sobre a inserção da Geografia neste contexto a partir de um único paradigma.

Trata-se de responder inicialmente a questão que inquieta estudantes de Geografia e que foi colocada no formato de um debate a ser travado a partir de um texto “abordando pontos diferentes de uma discussão que já parece estimular e confundir os discentes, que é justamente o debate que se coloca entre a ideia de Mundo e de Espaço, tomada, por vezes, como se cada uma dessas categorias se sobrelevasse à outra”, como colocado na mensagem em que me convidaram a escrever este texto.

Esta questão foi aprofundada pelos próprios estudantes gerando três perguntas:

1. Mundo pode ser compreendido como objeto disciplinar da Geografia?
2. Isto implica na perda de centralidade e exclusividade do Espaço enquanto objeto da disciplina?
3. Diante dos caminhos abertos por essas reflexões, quais as relações entre Espaço e Mundo na Geografia?

A segunda questão, que antecede a primeira, parte do pressuposto de que o objeto central e único da Geografia é o “espaço”, no entanto aventa a hipótese de que este conceito pode estar deixando de ser central para a disciplina. Se a certeza paradigmática de que o espaço é o objeto da Geografia está sendo abalada me parece que estamos diante da possibilidade de darmos um salto epistemológico importante para a disciplina. Necessário observar que em nenhum momento da Geografia acadêmica o espaço foi seu objeto central e exclusivo, como será exposto adiante.

¹ Professor Titular do Departamento de Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Geografia Humana (USP, 1998), Mestre em Geografia (UFRJ, 1992), Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UFF, 1984). Coordenador dos Grupos de Pesquisa Geografia Humanista Cultural e Cidades, Processos de Urbanização e Ambiente.

Esta abertura para uma diversidade de conceitos de referência para a disciplina, ainda que orientados apenas por seus atributos “espaciais”, aponta para uma ciência onde não há lugar para paradigmas ou para pensamentos hegemônicos e, portanto, para o questionamento da sua concepção a partir de categorias e, por conseguinte, da ideia de que conceitos mais gerais sobrelevam a outros que a ele estariam subordinados.

Correntes epistemológicas que consideram o espaço como objeto central da Geografia são recentes, se é que em algum momento o “espaço”, sem qualquer adjetivo que o qualifique, orientou pesquisas na disciplina.

A geografia acadêmica, desde seus primórdios como disciplina universitária, sempre teve como conceitos centrais a paisagem e a região, seja nas “escolas” francesa, alemã ou norte-americana. Como este conhecimento é básico para a formação do Geógrafo acredito que seja desnecessário me alongar, apesar de ser discussão relevante.

Neste sentido, antes de responder a primeira pergunta, nos cabe perguntar, o que é **espaço** para a Geografia? De onde vêm a ideia de que os outros “conceitos espaciais” são a ele subordinados, ou dele são derivados?

Um caminho é de responder que o conceito de “espaço” começou a ganhar relevância para a Geografia a partir do questionamento feito por Hartshorne sobre a natureza da disciplina, propondo outro percurso epistemológico:

A visão da realidade em termos de diferenciação de áreas da superfície da terra é interseccionada em cada ponto pela vista em que a realidade é considerada em termos de fenômenos classificados por tipo. As diferentes ciências sistemáticas que estudam diferentes fenômenos encontrados na superfície da terra são interseccionadas pelos ramos correspondentes da geografia sistemática. A integração de todos os ramos da geografia sistemática, com foco em um lugar particular na superfície da terra, é geografia regional.²

No entanto, apesar do autor discutir, em outro texto, especificamente o conceito de espaço, o faz para refutá-lo como conceito central da Geografia por considerar que:

As características intrínsecas da Geografia são o produto dos esforços dos homens para conhecer e compreender as combinações de fenômenos tal como eles existem numa inter-relação de áreas em seu mundo. Tais características são, no entanto, independentes de qualquer conceito

² HARTSHORNE, Richard. **The Nature of Geography**. Lancaster – PA, The Science Press/The Association of American Geographers, 1951 (Fourth Printing). p. 147. (tradução nossa).

particular do objeto, quiçá eles formam o fato empírico tal como o conceito deve ser, profundamente, fundamentado. A aceitação do conceito [de espaço] não é um caminho essencial para o estudo geográfico, mas é valioso para os estudiosos que desejam compreender a natureza do ramo que trabalham em relação e em comparação com os outros ramos de conhecimento.³

Este artigo de Hartshorne é uma refutação as teses apresentadas por Schaefer, em “Excepcionalismo em Geografia”, de 1953, em favor de uma geografia voltada para “a busca da previsibilidade, das regularidades e a adoção de princípios sistemáticos na execução de pesquisas”⁴. Segundo as mesmas autoras as teses de Schaefer tem como referência o Positivismo Lógico do Círculo de Viena, como vinham sendo enunciados pela Economia Espacial⁵, ou seja, estrutura-se uma nova forma de se pesquisar em Geografia baseado em variáveis que devem ser expressas por equações matemáticas e que geram modelos baseados nos princípios da geometria.

No entanto, principalmente a partir da década de 1970, não só a Geografia Teórica como também a Geografia Crítica, vão pensar a disciplina a partir da construção de modelos baseados na análise espacial.

Segundo Moro o progressivo predomínio do estudo da análise espacial na Geografia, vai ocorrer após a Segunda Guerra Mundial como afirmação da “revolução quantitativa”. Neste sentido aponta para:

[...], a definição da organização do espaço como objeto primordial da análise geográfica, como também, a direção do movimento à procura de leis gerais [...]. Objetivamente seu conteúdo assenta-se na superfície terrestre ou no espaço terrestre [...], constituindo-se de fenômenos, fatos, acontecimentos, revestidos de uma expressão espacial e, portanto, objetivados pela sua dimensão espacial ou, como se quer, geográfica, envolvendo suas interações, relações, combinações e conexões, capazes de

³ HARTSHORNE, Richard. O Conceito de Geografia como uma Ciência do Espaço, de Kant e Humboldt para Hettner. **Caderno Prudentino de Geografia**, nº 28, 2006. p. 9 – 33. p. 32.

⁴ CUNHA, Maria Soares da; SILVA, Maria Geane Bezerra da. O impulso à análise espacial a partir do trabalho de Fred Schaefer “Excepcionalismo em Geografia: um estudo metodológico (1953): questões contextuais e teórico-metodológicas. **Revista de Geografia**, v. 24, nº 1, 2007. p. 60 – 76. p. 63.

⁵ Idem, p. 64 – 65.

criar ou dar origem a uma organização espacial ou a um processo de organização do espaço⁶.

Na vertente da Geografia Crítica a discussão tem, também, como raiz, a análise espacial, no entanto considerando o conceito de formação econômica e social⁷.

O Autor propõe que o espaço seja incorporado a este conceito como uma instância, a partir das seguintes considerações:

O dado global, que é o conjunto de relações que caracterizam uma dada sociedade, tem um significado particular para cada lugar, mas este significado não pode ser apreendido senão no nível da totalidade [...]. O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos”⁸.

Assim, tanto a Geografia Teorética quanto a Crítica colocaram o **espaço** como objeto central de uma Geografia que procura enunciar leis gerais ou então abordar as questões econômicas, sociais e políticas a partir da sua totalidade.

Neste sentido a Geografia é paradigmaticamente e ontologicamente pensada a partir da década de 1960, apesar das diferenças evidentes entre o aporte do Positivismo Lógico e do Marxismo, como uma ciência nomotética que tem no **espaço**, que se reporta ao abstrato e ao ideado, seu objeto central a ser analisado a partir da teoria dos sistemas ou a partir das estruturas. Ainda assim é importante observar que mesmo neste contexto outras categorias e conceitos geográficos são objeto de análise por parte dos geógrafos, ainda que subordinados como “conceitos espaciais”.

Mas, e se esta procura por leis gerais e pela totalidade fosse confrontada dialogicamente com a ideia de que a Geografia transcende a ciência em sua conformação parcelar e lógico positivista, e de que seu objetivo é de se voltar para a relação homem/Terra a partir da vida cotidiana?

⁶ MORO, Dalton Aureo. A organização do espaço como objeto da geografia. **Boletim de Geografia UEM**, v. 10, nº 1, 1992. p. 25 – 43. p. 33 – 34.

⁷ SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis, Vozes, 1979. p. 10 e seguintes.

⁸ Idem, p. 18.

Esta questão se remete a primeira e a terceira perguntas, enunciadas no início do texto, sobre **mundo** como “objeto disciplinar” da Geografia e sobre as suas relações com o conceito de espaço.

Já me detive em outro texto a refletir sobre o esquecimento do “mundo” pela Geografia e a discorrer sobre a sua apropriação pela Filosofia, no final do século XIX, a partir do pensamento grego e romano⁹.

A fenomenologia foi fundamental para a recuperação deste conceito/essência a partir da crítica à ciência, de base platônica (que separa o real do ideal, tendo o segundo como meta), abrindo mão, assim do *Lebenswelt*, que pode ser traduzido para o português como **mundo vivido**.

A Geografia, ainda que tardiamente, seguiu o mesmo caminho de se afastar da vida cotidiana a partir da discussão sobre a sua posição como ciência nomotética e não idiográfica. Neste momento, como coloco em outro texto¹⁰, optou pela adoção do conceito mais abstrato, da construção intelectual mais próxima dos modelos sistêmicos, matemáticos ou estruturalistas, afastando-se do conhecimento existencial do **mundo** e produzindo leis gerais a partir da análise do **espaço**.

No entanto, no exato momento em que muitos geógrafos optam por uma Geografia Sistemática, para usar a palavra empregada por Hartshorne, outros apontam para caminhos, para além desta ciência apartada do cotidiano. Wright foi um de seus primeiros porta-vozes ao propor que a Geografia comporta um núcleo formal de estudos e uma periferia informal, “contida em trabalhos não científicos – livros de viagem, revistas e jornais, livros de ficção e poesias, e também nas telas” e, também, “aquela das concepções subjetivas de **mundo** que existem na mente de incontáveis pessoas comuns”¹¹.

Para refletir geograficamente sobre este primado do **espaço geométrico** em determinado período da Geografia e para defender a ideia de que a geografia não pode se apartar do **mundo vivido** recorro, mais uma vez, a Dardel quando observa que “a geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo o conteúdo, disponível para todas as combinações”, e por este motivo “o espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro”¹². Este é o espaço

⁹ HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA Jr., E.; HOLZER, W; OLIVEIRA, L. de. **Qual o Espaço do Lugar?**. São Paulo, Perspectiva, 2012.

¹⁰ Idem.

¹¹ WRIGHT, John K. Terrae Incognitae: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, v. 4, n° 2, 2014. p. 4 – 18.

¹² DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo, Perspectiva, 2011. p. 2.

isotrópico dos modelos gerados pela análise espacial a partir da Economia Espacial e dos ditames de uma Geografia Sistemática.

Para um conhecimento geográfico que tem por objeto esclarecer o que “a Terra revela ao homem sobre a sua condição humana e seu destino”, Dardel oferece como conceito o **espaço geográfico**, que “tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade”¹³, ou seja, ele é único, ele limita e ele resiste às nossas ações. O espaço geográfico se manifesta como “presença, presença insistente, quase inoportuna”¹⁴.

Fenomenologicamente o espaço geográfico é um fenômeno que circunscreve outros fenômenos e que deve ser analisado, para além da sua materialidade, em sua concretude. Esta concretude se expressa intersubjetivamente na relação essencial do Ser-no-Mundo que se refere ao mundo vivido, ou seja, como muito bem observaram os geógrafos franceses, o espaço geográfico de que trata a geografia é eminentemente o espaço vivido (*espace vécu*).

Este espaço geográfico que resiste às nossas ações, este espaço vivido que é agenciado segundo a percepção ambiental de seus habitantes, se estabelece a partir do corpo e da sua intencionalidade que, segundo Luijpen¹⁵, rompe com a ideia do sujeito isolado do mundo, vendo-o como abertura para o mundo, como o próprio conhecimento. O mundo não é tratado como interioridade do sujeito, mas como uma presença imediata do sujeito, como um modo de existir. Estamos diante de um ser-envolvido-no-mundo.

Segundo Merleau-Ponty a experiência do corpo próprio nos ensina a enraizar o espaço na existência, onde ser corpo “é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço”¹⁶.

Deste modo “a espacialidade do corpo é o desdobramento de seu ser de corpo, a maneira pela qual ele se realiza como corpo”¹⁷.

Sob este aspecto o objeto exterior não é um geometral ou invariante, uma coisa para a qual nos dirigimos em seu aspecto, pois como “sistema de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio”¹⁸.

¹³ Idem, p. 2.

¹⁴ Idem, p. 3.

¹⁵ LUIJPEN, W. **Introdução à Fenomenologia Existencial**. São Paulo, Ed. Pedagógica Universitária, 1973.

¹⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo, Martins Fontes, 1999. p. 205.

¹⁷ Idem, p. 206.

¹⁸ Idem, p. 212.

Então, o pensamento não existe fora do mundo e das palavras¹⁹ que o designam na concretude de uma relação essencialmente intersubjetiva, pois “o sentido habita a palavra”²⁰.

Segundo Merleau-Ponty a linguagem

[...] é tomada de posição do sujeito no mundo de suas significações. O termo "mundo" não é aqui uma maneira de falar: ele significa que a vida "mental" ou cultural toma de empréstimo à vida natural as suas estruturas, e que o sujeito pensante deve ser fundado no sujeito encarnado²¹.

Neste sentido, todas as tentativas de reduzir a Geografia a uma ciência sistemática, que produza leis gerais e aborde a totalidade das formações econômicas e sociais a partir da análise espacial, parte de uma premissa criticada por Merleau-Ponty quando fala das ciências de um modo geral:

A tradição cartesiana habituou-nos a desprender-nos do objeto: a atitude reflexiva purifica simultaneamente a noção comum do corpo e a da alma, definindo o corpo como uma soma de partes sem interior, e a alma como um ser inteiramente presente a si mesmo, sem distância. Essas definições correlativas estabelecem a clareza em nós e fora de nós: transparência de um objeto sem dobras, transparência de um sujeito que é apenas aquilo que pensa ser. O objeto é objeto do começo ao fim, e a consciência é consciência do começo ao fim. Há dois sentidos e apenas dois sentidos da palavra existir: existe-se como coisa ou existe-se como consciência²².

Assim, nos diz Merleau-Ponty, “o corpo próprio está no mundo” e mesmo que imagine ou desenhe a coisa “eu não poderia apreender a unidade do objeto sem a mediação da experiência corporal”²³.

Portanto, ainda segundo Merleau-Ponty,

não podemos compreender a experiência do espaço nem pela consideração dos conteúdos, nem pela consideração de uma atividade pura de ligação, e estamos em presença desta terceira espacialidade que há pouco prevíamos, que não é nem a das coisas no espaço, nem a do espaço espacializante [...]

¹⁹ Idem, p. 249.

²⁰ Idem, p. 262.

²¹ Idem, p. 262.

²² Idem, p. 269.

²³ Idem, p. 273.

Precisamos investigar a experiência originária do espaço para além da distinção entre a forma e o conteúdo²⁴.

Deste modo “Tudo nos reenvia às relações orgânicas entre o sujeito e o espaço, a esse poder do sujeito sobre seu mundo que é a origem do espaço”²⁵. Então sujeito e objeto são pressupostos de nosso encontro primordial com o ser, que sempre é um **ser situado**.

Considero que o problema de nossa civilização atual e que se reflete ontologicamente nos estudos geográficos é, como observa Heidegger, que

na dimensão da história do ser (cf. *Ser e tempo*), o "mundo" significa a vigência inobjetivável da verdade do ser para o homem, desde que o homem entregue de modo essencial o que lhe é próprio ao ser. Na era em que apenas o poder tem poder, isto é, na era da afluência incondicional dos entes ao abuso do consumo, o mundo torna-se sem-mundo na mesma medida em que o ser ainda vige, embora sem vigor próprio. O ente é real enquanto operativo. Em toda parte, a operatividade. Em parte alguma, o fazer-se mundo do mundo²⁶.

Acompanhando o pensamento do filósofo na contemporaneidade “[...] toda obra desse homem limita-se a avaliar se alguma coisa é ou não importante para a vida. Uma vida que, enquanto vontade de querer, pré-condiciona o movimento de todo saber à forma do cálculo e do juízo assegurado”²⁷.

Neste sentido a técnica, como forma de cálculo e juízo assegurado, reduz a Terra a recurso que, é visto como infinito, desde que se desenvolva tecnologia adequada para a sua exploração. Segundo esta visão de mundo cabe a Geografia a análise do espaço, de modo sistemático. Este espaço é reduzido a um espaço geométrico, modelar, isotrópico a serviço destas tecnologias que se olvida de que somos no mundo habitando a Terra.

A Geografia, portanto, deve se reportar ao ser situado que habita a Terra, que conforma o mundo em sua concretude, onde o “espaço é existencial, da mesma maneira que a existência é espacial”²⁸.

²⁴ Idem, p. 334.

²⁵ Idem, p. 338.

²⁶ HEIDEGGER, Martin. A superação da metafísica, in: **Ensaio e conferências**, Petrópolis/ Bragança Paulista, Ed. Vozes/Ed. Universitária São Francisco, 2012, p. 80.

²⁷ Idem, p. 85.

²⁸ MERLEAU- PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo, Martins Fontes, 1999. p. 394.

Deixemos os filósofos e passemos a palavra a um geógrafo: “Um dos dramas do mundo contemporâneo é que a Terra foi “desnaturada”, e o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos, em lugar de deixar-se decifrar sua escrita sóbria e vivida”²⁹

Fenomenologicamente pode se afirmar que “mundo” se refere ao espaço geográfico, à geograficidade, presente nas relações intersubjetivas do homem com a Terra, e que cabe à Geografia o estudo desta presença inarredável do ser-no-mundo.

²⁹ DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo, Perspectiva, 2011. p. 96.